



## **PONTAL DA BARRA – MACEIÓ/ALAGOAS: ENTRE A PAISAGEM LAGUNAR E A RENDA DE FILÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**

Jadimilson Cordeiro Silva <sup>1</sup>  
Antônio Alfredo Teles de Carvalho <sup>2</sup>

### **RESUMO**

A investigação tem escala de análise o bairro do Pontal da Barra, na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. Situado sobre uma restinga entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico, o referido bairro tem a sua origem no século XVIII como uma vila de pescadores, cujo aproveitamento dos recursos naturais possibilitou um processo de interação homem-natureza com atividades ligadas à subsistência. Eventos significativos moldaram o seu processo, dentre os quais o surgimento de uma atividade artesanal que se tornou um elemento cultural da comunidade: a renda de filé. Essa prática desenvolvida majoritariamente por mulheres desde cedo, seja como atividade lúdica ou de subsistência, foi incorporada ao cotidiano local. A sua preservação e a atividade turística infundiram a transformação do artesanato da renda do filé em mercadoria subsidiária do desenvolvimento local. Nesse sentido, busca-se com esta pesquisa, analisar a dimensão e a representatividade da cultura da renda de filé para o Pontal da Barra, a partir da sua apreensão como um patrimônio cultural que contém valores e conhecimentos teóricos e práticos que estruturam a sua identidade.

**Palavras-chave:** Paisagem; Maceió; Pontal da Barra; Renda de filé; Patrimônio imaterial.

### **ABSTRACT**

The research focuses on the Pontal da Barra neighborhood in Maceió, the capital of the state of Alagoas. Located on a sandbank between Mundaú Lagoon and the Atlantic Ocean, the neighborhood originated in the 18th century as a fishing village, whose exploitation of natural resources enabled human-nature interaction with subsistence-related activities. Significant events shaped this process, including the emergence of a craft that became a cultural element of the community: fillet lace. This practice, developed primarily by women from an early age, whether as a recreational activity or for subsistence, has become incorporated into local daily life. Its preservation and tourist activity have led to the transformation of fillet lace crafts into a subsidiary commodity for local development. In this sense, this research seeks to analyze the dimension and representativeness of the fillet lace culture for Pontal da Barra, based on its understanding as a cultural heritage that contains values and theoretical and practical knowledge that structure its identity.

**Keywords:** Landscape; Maceió; Pontal da Barra; Filet Lacework; Intangible heritage.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal-AL, [milsoncs@hotmail.com](mailto:milsoncs@hotmail.com);

<sup>2</sup> Orientador. Docente do quadro permanente do PPGG – Ufal, [acarvalho@igdema.ufal.br](mailto:acarvalho@igdema.ufal.br).



## **INTRODUÇÃO**

O bairro do Pontal da Barra, situado sobre uma restinga entre a laguna Mundaú e o Oceano Atlântico, consistindo em uma das mais procuradas paisagens da cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. Localizado ao sul da cidade, no limite com a histórica cidade de Marechal Deodoro, sua origem remonta ao século XVIII com uma vila de pescadores, cuja a prática é realizada ainda hoje. De acordo com Sant'ana (1989), notável historiador alagoano, a comunidade existe há quase três séculos e em 1796, já registrava a existência de 56 pessoas, das quais, 32 casadas, 06 solteiras, 07 viúvas, 08 crianças e 03 escravos. O seu processo histórico é marcado por ações de resistência, destacando-se os atos contra a implantação da Braskem, antiga Salgema. Um conflito social, segundo Vieira (1997), acendido pelas ameaças de expulsão da comunidade, bem como o medo de permanecer no bairro e conviver com os riscos socioambientais subjacentes ao empreendimento econômico.

O Pontal da Barra também é conhecido por uma atividade artesanal que se tornou um elemento cultural identitário da comunidade: a renda de filé. Uma renda de agulha, elaborada com linha rústica, preenchendo desenhos sobre uma rede em uma base de madeira, similar a um bastidor. Com o passar do tempo, esta arte passou a se constituir em importante elemento representativo da cultura alagoana. Daí, busca-se na presente investigação, analisar a prática artesanal em questão como patrimônio e a sua intrínseca relação com o Pontal da Barra, investigar a representatividade da renda de filé numa perspectiva multidimensional junto aos locais, e discutir as possibilidades dessa prática frente a crescente atividade turística que o bairro vem conhecendo nos últimos anos e de alguma forma, interferindo no seu cotidiano.

## **METODOLOGIA**

Visando alcançar o objetivo proposto, o desenvolvimento da pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica focando livros, artigos, dissertações, teses e matérias de jornais (impressos e online) e sites eletrônicos a exemplo da Unesco e do IPHAN e analisados à luz do método histórico que conforme Boas apud Lakatos (1981, p. 82) parte do “princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, e que é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função”.

Uma segunda etapa dos procedimentos metodológicos adotados consistiu na pesquisa documental realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL, Arquivo Público de Alagoas, Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, Secretaria Municipal de



Cultura e Economia Criativa de Maceió, Secretaria Municipal de Turismo de Maceió e Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – Seplag/AL e o seu sítio eletrônico “Alagoas em Dados”. Também contou-se com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a exemplo da malha digital de Maceió, população e índice de desenvolvimento humano municipal. Uma terceira etapa corresponde ao trabalho de campo realizado junto a população local (moradores, artesãos, comerciantes de renda de filé, poder público municipal) e visitantes, particularmente turistas que cada vez mais, chegam ao Pontal da Barra para consumir as suas paisagens.

Dessa forma, tem sido possível apreender e analisar o objeto de investigação e averiguar o alcance dos objetivos propostos inicialmente, bem como a eficácia dos meandros até então percorridos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O bairro do Pontal da Barra, braço de terra entre a laguna Mundaú e o oceano Atlântico, situa-se a sudoeste de Maceió, no Complexo Estuarino Lagunar mundaú-Manguaba, situado na região de restinga da capital alagoana.

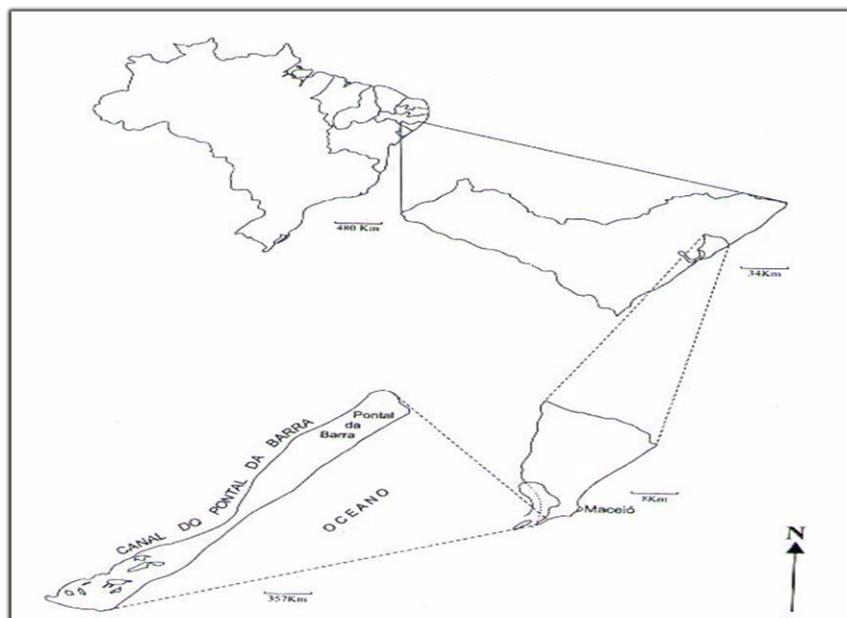


Figura 1 - Localização do bairro do Pontal da Barra em Maceió, Alagoas.

Fonte: Oliveira *et al* (2004).

Desde os primeiros tempos de Maceió, o Pontal da Barra já existia. Era habitado por pescadores que retiravam da lagoa e do mar o sustento da família. De grande beleza paisagística,



o bairro é visitado e admirado por turistas e visitantes que chegam à capital, seja adquirindo o típico artesanato, saboreando os pratos feitos à base de frutos da lagoa ou do mar ou para um passeio numa embarcação pela laguna Mundaú admirando a paisagem natural (Bairros de Maceió, 2025). Por estar em uma região mais distante, o bairro adquiriu uma aparência de cidade interiorana. Não é por acaso que os visitantes e turistas costumam comparar a rotina do bairro com a vida de uma cidade do interior. Essa particularidade é percebida como um encanto, reforçando a imagem de uma vila com homens que pescam e mulheres que bordam e produzem a maior joia do artesanato alagoano, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas.

Convém aqui destacar que de acordo com Braudel (1989), a acepção da palavra cultura passou a ser compreendida como o conjunto de características próprias de uma comunidade e/ou sociedade, não perdendo, no entanto, o caráter impreciso e vago que a acompanha desde a origem. Na base desta compreensão, captar os processos de transmissão intergeracional dos saberes é fundamental para o conhecimento do patrimônio cultural<sup>3</sup> subjacente a cada local que são definidores das identidades de pertença.

Dessa forma observa-se que a cultura é um resultado da ação humana. Assim, de acordo com Parente (2015), o ser humano ao se apropriar dos recursos naturais, utilizando formas específicas em função da disponibilidade/diversidade destes, vai construindo o que chamamos de cultura, assim como faz nascer a pluralidade cultural. Isto é, os grupos humanos ao possuírem recursos diferenciados, vão ter de arranjar maneiras, combinações igualmente diferentes para atender as suas necessidades e seus projetos.

Fundamento da identidade, da energia e das ideias criativas dos povos, a cultura em toda sua diversidade, é o fator de desenvolvimento e coexistência em todo o mundo. O patrimônio cultural de um povo é ingrediente de sua identidade e da diversidade cultural. Pode também tornar-se um importante fator de desenvolvimento sustentável. Assim, a Unesco elabora e promove a aplicação de instrumentos normativos no âmbito cultural, além de desenvolver atividades para salvaguardar o patrimônio cultural, a proteção e o estímulo da diversidade cultural e o fomento do pluralismo e o diálogo entre as culturas e civilizações.

O Filé, segundo a Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa de Alagoas (Secult) é uma das marcas do artesanato de Alagoas e tipicamente uma manifestação do

---

<sup>3</sup> O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território (Iphan, 2012, p. 12).



complexo estuarino Mundaú-Manguaba, e os maiores núcleos de produção estão localizados nas cidades de Maceió – no bairro, do Pontal da Barra – e de Marechal Deodoro. Filé é uma corruptela do francês, *filet*, rede, numa clara alusão ao ofício da pesca com redes.

No Pontal da Barra, enquanto o homem pesca, a mulher faz renda, ou seja, é filezeira. A atividade pesqueira artesanal, que sempre teve grande prestígio na região, sofreu uma queda significativa devido a uma série de fatores que afetam o ecossistema, incluindo a poluição das águas e a perda de prestígio. Atualmente, a região lagunar, onde o bairro está inserido, não é mais o centro da atividade pesqueira, tendo transferido essa posição para a produção e comercialização de artesanato, com destaque para o filé.

Convém ressaltar que se desconhece o período exato da introdução da renda do filé no centenário povoado e que viria praticamente mudar sua primitiva função social. Assegura-se, porém, que o filé surgiu no bairro associado às atividades pesqueiras. Na sua obra, Sant'ana (1989), afirma que o filé nasceu ali mesmo no Pontal, à sombra de seus coqueiros, onde continua a ser bordado. E quando isto acontece além-fronteiras da comunidade, certamente as bordadeiras ali aprenderam, ou dali emigraram.

Conforme relatos de moradores registrados no PLEC (1980), quando os homens saíam para pescar, as esposas dos pescadores, ao consertar as tarrafas e/ou redes, começavam a bordar. Ou seja, a enchê-las, dando início assim ao filé, o tipo de bordado mais requisitado no Pontal da Barra. Trata-se de um trabalho desenvolvido a partir de uma rede base em algodão (semelhante à de pesca), fixada com pregos a uma peça de madeira (quadrada ou retangular), na qual são marcados pontos com agulhas manuais. O resultado são peças destinadas ao vestuário, cama e mesa. Os artesãos bordam com destreza em calçadas, praças, quintais, entradas de lojas, entre outros locais, usando linhas e bastidores como ferramentas de trabalho.

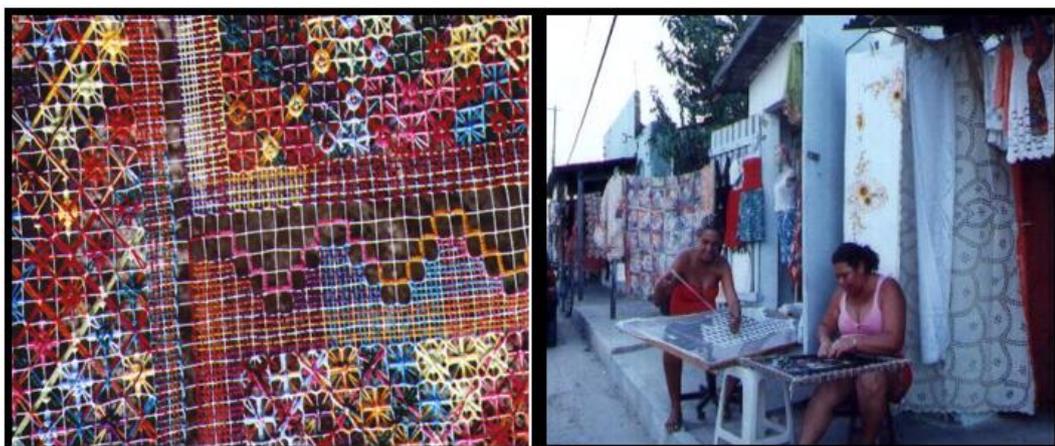


Figura 2 - Confecção do Filé, a arte do Pontal.  
Fonte: Silva, 2021.



O filé evoluiu para um trabalho autêntico e representativo do local, devido à habilidade e inovação das mulheres dos pescadores. Ao encherem as redes, elas improvisavam o tingimento das linhas usando colorau (corante), papel de cigarro, palha de cebola, bucha de coco e salsa de praia (PLEC, 1980). Atualmente, as filezeiras utilizam linhas de diferentes marcas e de diversas cores. Para Dantas (1987), é normal que o artesanato, enquanto elemento cultural, seja dinâmico. Porém, é fundamental que a mudança seja uma decisão do próprio artesão e não uma imposição externa.

Tem-se originalmente uma divisão sexual do trabalho. Mas, a dimensão econômica que se mistura com o valor da produção da lagoa está trazendo uma transformação na própria concepção da divisão sexual do trabalho no filé. A certa insubordinação da divisão sexual tradicional do trabalho do filé prende-se aos fatores do mercado, para a mercadoria do filé.

Ora, nesta modalidade, o saber passa a ser também fator de mercadoria, na medida em que o filé integra um sistema de componentes da indústria do turismo local; também integrado por um passeio de barco turístico pelos canais e ilhas, conhecido como “Passeio às nove Ilhas<sup>4</sup>”. Nesse sentido, Costa (2009) pode complementar esta abordagem ao asseverar que:

O patrimônio cultural estabelecido no espaço e refuncionalizado para novas atividades, sejam elas turísticas ou comerciais locais/regionais, representa, hoje, matéria de discussão dentro da análise geográfica das novas dinâmicas urbanas, uma vez que sua reapropriação vem atendendo às necessidades do mercado mundializado (COSTA, 2009, p. 14).

Assim, há a inserção do patrimônio cultural no circuito das comunicações, do consumo de massa e da “indústria” do turismo, o que favorece o enobrecimento de espaços urbanos dotados destas materialidades, pois se acentua o processo de especulação imobiliária com a chegada de novos agentes, permitindo que se estabeleçam usos específicos que tiram partido do potencial paisagístico do espaço constituído (Motta, 2000).

Mendes e Coriolano (2003) mostram que algumas mudanças substanciais vêm ocorrendo em muitas comunidades brasileiras, resultado da expansão do turismo. Verifica-se, por exemplo, o turismo comunitário, o despertar de uma consciência voltada para as potencialidades do turismo e a busca da superação da situação de miséria que afeta incontáveis comunidades do país. Assim, o turismo surge como uma possibilidade para o desenvolvimento

---

<sup>4</sup> O passeio de barco pelas ilhas e canais das lagoas Mundaú e Manguaba é uma grande atração para quem visita o Pontal da Barra. Usufrui de uma beleza incomparável. São cerca de 9 ilhas, com parada para banho, o bonito visual dos coqueirais, e um almoço típico com direito a frutas, sucos e música ambiente, num percurso que dura, aproximadamente 4 horas.



de comunidades locais, com rico patrimônio natural e cultural, que não vislumbram alternativas de desenvolvimento.

Assim, o turismo, como base de desenvolvimento local, abre possibilidades tanto para a superação de modelos de desenvolvimento turísticos nos quais poucos ganham, podendo contribuir para o desenvolvimento de modelos mais sustentáveis em que a população participa, inclusive com ganhos, e tem sua cultura valorizada.

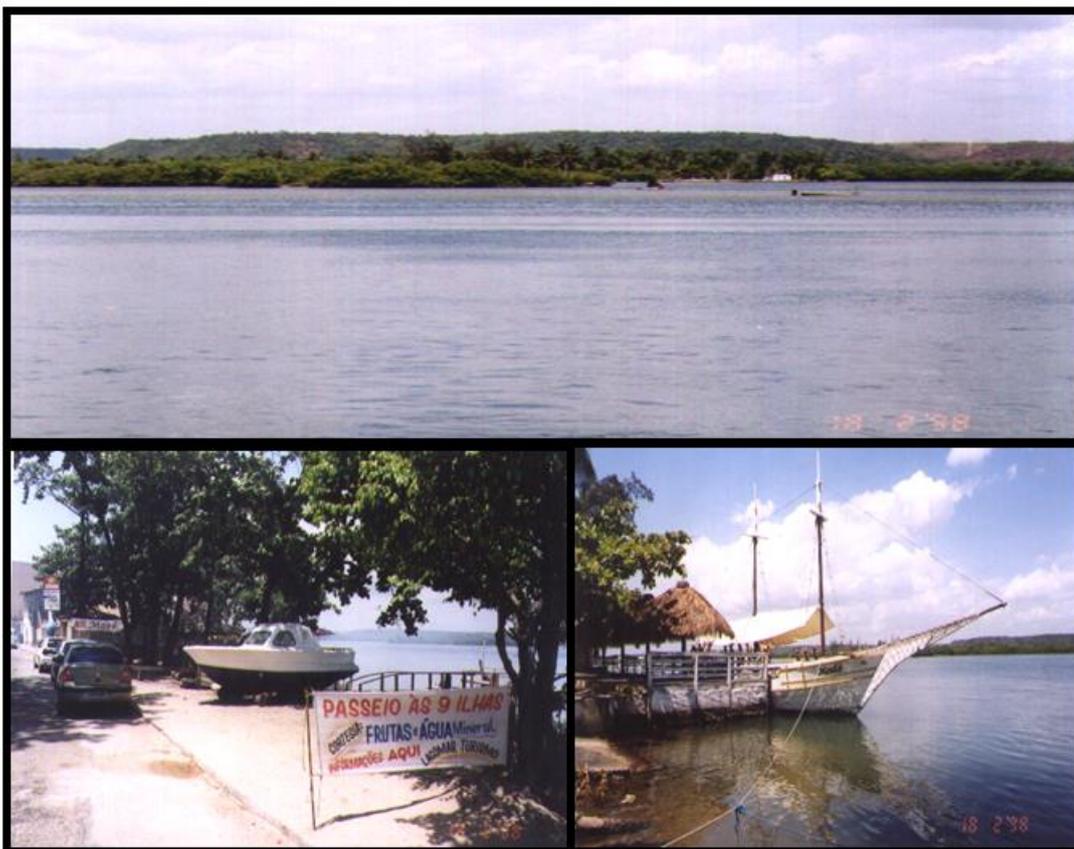


Figura 3 - Passeio de barco pela Laguna Mundaú.  
Fonte: Silva, 2021.

Todavia, o Pontal da Barra se transformou num ponto de visita e passagem obrigatório para quem visita Maceió. Surgiram bares e restaurantes, ponto de lazer para os turistas e de encontro para a população de Maceió nos finais de semana.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ter se tornado uma cidade que beira um milhão de habitantes (994.464 – IBGE, 2024), marcada pela especulação imobiliária, especialmente depois da tragédia causada pela Brasken



que resultou no maior desastre ambiental em área urbana do mundo, atingindo mais sessenta mil pessoas, com o afundamento do solo e destruição de cinco bairros, de um lado; e o avanço da atividade turística de outro, Maceió tenta resistir.

Essa resistência encontra-se em parte, ancorada na tradição que mantém em partes da cidade, em bairros como Pontal da Barra que não obstante o citado crescimento do turismo, mantém a sua atividade pesqueira e a vida simples, sem os grandes agitos dos bairros nobres da orla maceioense, onde estão localizados os grandes hotéis, bares, restaurantes e equipamentos públicos de lazer. Contudo, percebe-se o turismo tem fomentado, por exemplo, o desejo de se conhecer comunidades simples, cujo modo de vida ainda contrasta de forma significativa com o modo de vida dos grandes centros urbanos.

Ademais, a concepção de patrimônio evoca inúmeros aspectos da vida humana no seu cotidiano, na sua simplicidade, a partir das suas práticas, seus hábitos, suas tradições, dentre outros. Esse patrimônio significa e representa a memória social de uma coletividade (Squinel, 2003). No cerne da coletividade do Pontal da Barra está a beleza paisagem paisagística natural, de um lado, e do outro, a tradição da renda de filé.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Adotar a concepção de patrimônio cultural imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que o define como "práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural", foi um caminho promissor para o seu desenvolvimento. Esta definição tem se mostrado fundamental para pensar a renda de filé como patrimônio imaterial cultural de Alagoas e a sua relação com o Pontal da Barra, permitindo identificar elementos e particularidades que contribuem à melhor apreensão e posterior análise dessa associação que confere a renda de filé, o selo de Indicação Geográfica de Procedência (IG), para o complexo lagunar Mundaú-Manguaba e conseqüentemente, para o Pontal da Barra ali localizado.

A partir do momento em que o filé, trabalho símbolo do lugar, vai além da estratégia de sobrevivência mudando sua primitiva função social – cultura de subsistência – e transforma-se em “mercadoria” subsidiária da indústria do turismo, desencadeia uma série de transformações: apresenta-se como um fator relevante de geração de renda; a mulher passa a participar mais ativamente na renda familiar; amplia-se a variedade dos tipos de produtos multicolores, alguns



chegando a atender encomendas voltadas para tendências da moda, onde o cliente trás o desenho escolhe as cores e depois a peça é trabalhada em filé. Aos poucos, o bucolismo do bairro vai dando lugar às novas mudanças, sejam elas nas formas de sociabilidade ou nas formas de suas peças que, com muita criatividade vem suprindo as exigências do mercado consumidor.

## REFERÊNCIAS

BAIRROS DE MACEIÓ. **Pontal da Barra**. Disponível em: <https://bairrosdemaceio.net/bairros/pontal-da-barra>. Acesso em 16 ago. 2025.

BRAUDEL, F. **Gramática das Civilizações**. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 506 p.

DANTAS, C. L. T. A. **Aspectos da Cultura Popular de Alagoas**. Maceió: Edufal, 1987. 40 p.

COSTA, E. B. da. A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial: **o caso de Diamantina (MG)**. 2009. 297 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama>. Acesso em: 05 abril 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MENDES, E. G.; CORIOLANO, L. N. M. T. A prainha do Canto Verde: lócus de resistência e turismo comunitário. *In*: CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. (orgs.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. 1. ed. Fortaleza: Eduece, 2003. 366 p.

MOTTA, Lia. A Apropriação do Patrimônio Urbano: Do Estético-Estilístico Nacional ao Consumo visual do Global. *In*: ARANTES, A. (org). **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papyrus, 2000

PARENTE, L. R. C. **Marcas de Tempos Passados em um Mundo Globalizado: um Olhar sobre o Patrimônio Cultural da Humanidade de Olinda (Brasil) e os Recortes Espaciais de Sintra, Évora e Guimarães (Portugal)**. 2015. 306 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, 2015.

PLEC. Projeto de Levantamento Ecológico Cultural da Região das Lagoas Mundaú e Manguaba. v. 1, 2. ed. Maceió, 1980.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. O Pontal através de um parecer. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. V. 41, 1989.



SECULT. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA. **Filé.** Maceió: 2022. Disponível em: <https://secult.al.gov.br/patrimonio-cultural/principal/paginas/livro-de-registro/806-file>. Acesso em 22 agosto 2025.

SQUINELO, A. P. O patrimônio cultural como potencialidade turística em Rondonópolis – MT. In: NETTO, A. P *et al* (Orgs.). **Reflexões em turismo: Mato Grosso e outros temas.** Campo Grande: UCDB, 2003.

UNESCO. Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 08 maio 2025.

VIEIRA, M. C. “Daqui só saio o pó”: **conflitos urbanos e mobilização popular: A Salgema e o Pontal da Barra.** Maceió: Edufal, 1997.